

PODCAST “COM TODO O RESPEITO”: LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS MIDIÁTICOS NA ESCOLA

PODCAST ‘WITH ALL DUE RESPECT’: READING AND PRODUCING MEDIA TEXTS AT SCHOOL

Renata Targino¹, Raquel Danielli Mota², Camila Augusta Alves Pereira³

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Orcid: 0000-0003-3351-0827 renata@letras.ufrj.br

² Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.
Orcid: 0000-0002-0679-5153.
rdmota@id.uff.br.

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Orcid: 0000-0002-7593-4938
profa.camilaaugustapereira@gmail.com.

Recebido em 30 jun. 2025

Aceito em 30 jul. 2025

Resumo: Este artigo dedica-se à análise teórico-metodológica da produção de um episódio de *podcast* sobre assédio na escola, desenvolvido por alunas da 3ª série do ensino médio da rede estadual do Rio de Janeiro. Tal atividade proporcionou a abordagem do texto midiático nas aulas do itinerário formativo da área de Linguagens e suas tecnologias, contemplando as orientações curriculares estabelecidas pelos documentos oficiais para o ensino de leitura e produção textual. A pedagogia dos multiletramentos (Rojo, 2012; Monte Mór, 2019; GNL, 2021) contribuiu com a perspectiva de engajamento das estudantes no enfrentamento às questões emergentes da sociedade contemporânea, por meio da produção e publicação de conteúdo para mídias digitais. De acordo com a perspectiva da Análise do discurso materialista (Orlandi, 2003; Pêcheux, [1969] 1997), compreendemos a produção como prática discursiva cujo efeito de sentidos se dá na/pela língua, na relação de sujeitos históricos, interpelados pela ideologia e afetados pelo inconsciente. Em uma perspectiva de ensino discursiva, o *podcast* como materialidade significativa (Lagazzi, 2011) possibilitou a compreensão dos discursos em circulação no cotidiano escolar e a reflexão sobre o funcionamento de uma rede de memórias e resistências mobilizada por essas jovens comunicadoras.

Palavras-chave: Multiletramentos. Mídias digitais. Podcast. BNCC. Análise do Discurso.

Abstract: This article presents a theoretical and methodological analysis of the production of a *podcast* episode on harassment in schools, developed by 11th-grade students from the Rio de Janeiro state school system. This activity provided an opportunity to address media texts in classes in the Language and Technology program, in line with the curriculum guidelines established by official documents for teaching reading and writing. The pedagogy of multiliteracy (Rojo, 2012; Monte Mór, 2019; GNL, 2021) has contributed to the perspective of student engagement in addressing emerging issues in contemporary society through the production and publication of content for digital media. According to the perspective of materialist discourse analysis (Orlandi, 2003; Pêcheux, 1969), we understand production as a discursive practice whose effect of meaning occurs in/through language, in the relationship between historical subjects, interpellated by ideology and affected by the unconscious. From a discursive teaching perspective, the *podcast* as significant materiality (Lagazzi, 2011) enabled

the understanding of the discourses circulating in everyday school life and reflection on the functioning of a network of memories and resistances mobilized by these young communicators.

Keywords: Multiliteracies. Digital media. Podcast. BNCC. Discourse analysis.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos uma atividade pedagógica de multiletramentos, uma oficina de *podcast*, realizada com a colaboração de estudantes da 3ª série do Ensino Médio, que identificaram, por meio de um questionário online, o tema-tabu que mais incomodava os/as demais colegas do seu colégio: o assédio. A sequência de cinco encontros (2h-aula cada) aconteceu no curso da disciplina “A linguagem para além das palavras: práticas para o existir”, que fazia parte dos itinerários formativos da área de Linguagens e suas Tecnologias, conforme a grade curricular da educação estadual do Rio de Janeiro, em 2024, no contexto do Novo Ensino Médio. Esse trabalho contou com a consultoria de pesquisadoras do Laboratório de Estudos de Mídia e Esporte (LEME), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que nos apontaram e encaminharam algumas referências de trabalhos acadêmicos sobre o gênero *Podcast*.

A proposta do *podcast* “Com todo o respeito” pretendia contribuir, por meio da pedagogia dos multiletramentos, para a formação de estudantes conscientes e críticos no enfrentamento às desigualdades e violências de gênero que persistem na nossa sociedade e são reproduzidas na escola, impedindo-a de se tornar um espaço mais justo e democrático. O que realizamos configurou-se em uma ação colaborativa de compartilhamento de informações e conhecimentos em redes de relacionamento, definindo novas posições a serem ocupadas por sujeitos subalternizados que politizaram seu desejo de mudança.

O projeto interdisciplinar “Com todo o respeito” foi uma iniciativa da equipe pedagógica da unidade de ensino, localizada no município de São Gonçalo/RJ. Tratava-se de um evento para todas as turmas com o objetivo de provocar reflexão sobre “respeito” na comunidade escolar, ainda na esteira das ações de mitigação dos efeitos da pandemia de COVID-19. A primeira tarefa do grupo de alunas da 3ª série foi viabilizar a escuta das reivindicações dos/das demais estudantes e, ao propor

temas para a constituição do planejamento docente, provocou um “maior equilíbrio na relação entre as forças em jogo” (Boaventura; Fabrício, 2017, p. 66).

Buscamos levar para a sala de aula uma perspectiva de ensino discursiva que não só possibilitasse a compreensão dos discursos em circulação sobre as vivências e incômodos dos/as alunos/as no cotidiano escolar, como também trouxesse uma reflexão sobre o funcionamento de uma rede de memórias e resistências dessas jovens estudantes da rede estadual, através da produção de uma mídia digital, promovendo resistência simbólica, já que o reconhecimento do sujeito em novos sentidos pode possibilitar a produção de furos no tecido social (Lagazzi, 2011).

Além disso, entendemos que professores/as de línguas comprometidos/as com o ensino de leitura e escrita devem trabalhar com os mais variados gêneros discursivos, para que os/as estudantes tenham acesso a um repertório diversificado de textos, suas condições de produção e suportes de circulação. Vale ressaltar que, para Orlandi (2015, p. 28), as condições “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”, portanto o entendimento do contexto sócio-histórico-ideológico dos sujeitos e do texto são fundamentais no gesto de leitura empreendido na sala de aula.

Conforme pontuou o Grupo Nova Londres (GNL) em seu manifesto,

[...] o uso de abordagens da pedagogia dos multiletramentos permitirá que os alunos alcancem duplamente objetivos de aprendizagem do campo do letramento: evoluindo no acesso à linguagem do trabalho, do poder e da comunidade, e fomentando o engajamento crítico necessário para projetar seu futuro social, alcançando sucesso por meio de trabalhos realizadores (GNL, 2021, p. 102).

O modo como interagimos na vida cotidiana, especialmente em sociedades letradas e globalizadas, e o modo como sentidos são produzidos – utilizando múltiplas linguagens, cruzando fronteiras espaciais, integrando a palavra escrita ao audiovisual, à oralidade, aos sons – implementaram mudanças na forma de comunicar, de ensinar e de aprender.

Dois argumentos principais emergiram, então, em nossas discussões. O primeiro está relacionado à crescente multiplicidade e à integração de modos significativos de construção de significado, em que o textual também está relacionado ao visual, ao sonoro, ao espacial, ao comportamental e assim por diante. [...] Em segundo lugar, decidimos usar o termo “multiletramentos” como forma de enfatizar as realidades do aumento da diversidade local e da conexão global (GNL, 2021, p. 106-107).

Para o GNL (2021), tornou-se imprescindível repensar “o que” e “como” estamos ensinando/aprendendo e quais são as necessidades urgentes para uma nova abordagem de práticas discursivas na escola diante de um momento sócio-histórico que vem exigindo outras habilidades e competências de estudantes e professores, sem ignorar as demandas específicas dos grupos sociais periféricos. Segundo o grupo: “Uma vez que as tecnologias de significado estão mudando tão rapidamente, não pode haver um conjunto de padrões ou de habilidades que constituam os fins do letramento, por mais que sejam ensinados” (2021, p. 107).

O percurso analítico sobre esse trabalho pedagógico, pensado a partir da Análise do Discurso (AD) materialista, ocupando uma posição-sujeito identificada com uma visada feminista interseccional (Collins; Bilge, 2021), procura não apenas levantar questionamentos sobre as filiações de uma rede de memórias que reforçam determinados sentidos sobre alunas mulheres em nossa formação social, como também observar os gestos de resistência, abrindo espaço para que outros sentidos sejam produzidos;

Sendo assim, o fenômeno contemporâneo de abordar e visibilizar questões incômodas que envolvem relações desequilibradas, e até mesmo abusivas, de gênero e poder no cotidiano de professores e estudantes, fazendo uso de um instrumental tecnológico de grande alcance e de intensa circulação discursiva via internet, torna-nos participantes ativas na mudança social, criadoras ativas de futuros sociais, conforme previa o GNL (2021) em seu manifesto sobre novos letramentos para um mundo globalizado e desigual.

Este artigo está organizado em quatro seções. Primeiramente, mostramos como o conceito de multiletramentos pressupõe posicionamentos críticos diante de um mundo em rápida mudança de paradigmas políticos, econômicos, sociais e educacionais; depois descrevemos a metodologia da oficina de *podcast*, observando a relação entre os conceitos do GNL e as orientações da Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC). Na seção 3, trazemos uma definição desse gênero multimodal e sua consolidação como mídia de massa no nosso país. Na última seção, analisamos o *podcast* “Com todo o respeito” como prática discursiva à luz da AD materialista, acionando as noções de memória e resistência.

Uma proposta de multiletramentos responsiva à vida social

A multimodalidade praticada nos ambientes virtuais nos apresentou diferentes formas de contextualizar e transmitir todo o tipo de conteúdo. Essa concepção de comunicação multimídia desafiou a escola a se reestruturar para formar pessoas competentes na leitura e na produção de textos que circulam ininterruptamente pela rede, como também exigiu políticas curriculares atualizadas conforme essa nova realidade que se impõe cotidianamente e muda de maneira rápida. Conforme afirma o GNL (2021, p. 107), “os novos meios de comunicação estão remodelando a maneira como usamos a linguagem”.

Segundo Walkyria Monte Mór (2019), os multiletramentos surgiram com a terceira geração de letramentos, a fim de responder às transformações sociais resultantes de fenômenos como a globalização e o avanço da tecnologia digital. O impacto do neoliberalismo nas sociedades contemporâneas alterou as bases culturais e políticas que sustentam instituições como a escola. Essa mudança dos modelos educacionais promoveram o rompimento das fronteiras disciplinares – o “processo de letrar” não é exclusivamente responsabilidade de professores de língua portuguesa, o que impactou também no desenho das políticas curriculares.

Embora não seja o foco central deste artigo, não ignoramos o fato de nossas escolas não estarem equipadas adequadamente para atividades com um arsenal tecnológico digital. Inclusive, a escola em que realizamos este trabalho não tem sequer um espaço reservado em condições de gravar áudios sem interferências. A disposição do LEME (UERJ) para atender nossas necessidades e suprir nossa hipossuficiência técnica é fruto de uma parceria entre colegas de profissão, não se trata de uma política pública do governo do estado do Rio de Janeiro.

Mesmo que as escolas das diversas periferias não estejam totalmente aptas para ensinar-aprender com dispositivos eletrônicos e internet, há um aumento do uso de *smartphones* e um maior acesso às redes. É possível notar que estudantes, tanto da rede privada quanto da rede pública, principalmente nas zonas urbanas, possuem algum nível de contato com novas ferramentas de informação e comunicação em ambientes digitais. Uma nova agência social emerge dessas práticas, o que acarreta novos letramentos de caráter multimodal e multissemiótico, chamados também de “hipermidiáticos” (Rojo, 2012).

Nesses novos tempos, uma pedagogia voltada ao ensino de leitura e escrita precisa “ir além da comunicação alfabética, incorporando, assim, a essas habilidades tradicionais as comunicações multimodais, particularmente, aquelas típicas das novas mídias digitais” – conforme afirmam Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 20). O conceito de “multiletramentos”, cunhado pelo GNL, em 1996, surge como uma alternativa teórica para a abordagem às práticas de linguagem multimodais na educação escolar, destronando a língua escrita como centro da aprendizagem e valorizando a negociação entre múltiplas diferenças linguísticas e culturais.

[...] o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossa sociedade, principalmente urbana, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (Rojo, 2012, p. 13).

Conforme Roxane Rojo (2012), a multimodalidade e a multissemiose dos textos contemporâneos exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas para significar, daí a necessidade de desenvolver uma pedagogia dos multiletramentos. No *podcast* produzido pelas alunas, há, por exemplo, a presença de conteúdo verbal com maior ou menor planejamento prévio, um hibridismo entre texto oral e escrito; o conteúdo de áudio une as vozes de um apresentador, das narradoras, de repórteres e seus entrevistados e de um cantor de rap. O grupo também produziu uma imagem para servir como identidade digital nas redes sociais e outras imagens estáticas, com informações sobre assédio, que foram incorporadas à edição da versão que consta na plataforma de vídeos.

A grande variedade de linguagens e formas de comunicar exige uma nova ética e novas estéticas, como defendeu Rojo (2012, p. 16): “Uma nova ética que já não se baseie tanto na propriedade (de direitos de autor, de rendimentos que já se dissolveram na navegação livre da web), mas no diálogo (chancelado, citado) entre novos interpretantes (os *remixers*, *mashupers*)”. Acrescente-se o aspecto crítico, que transforma as estudantes em produtoras de conteúdo e não somente consumidoras de materiais que já chegam prontos, elevando o seu nível de agência. Além disso, Rojo destaca o caráter interativo e colaborativo que fratura as relações hierárquicas e possibilita a experiência com múltiplas linguagens, mídias e culturas.

Há outros modos de conhecer e de organizar conhecimentos, outras epistemologias que refletem mudanças radicais na contemporaneidade, projetos de ensino e aprendizagem de línguas e de linguagens com implicações sobre a vida social (Moita Lopes, 2021), e isso nos interessa particularmente como linguistas, como professoras da educação básica e da educação superior em instituições públicas cada vez mais inclusivas e conscientes do seu papel ativo como agentes de transformação.

A seguir, descrevemos o passo a passo da nossa proposta pedagógica de multiletramentos e comentamos sobre como esse novo modelo de letramentos aparece na BNCC (2017) relacionado à área de Linguagens e suas tecnologias.

Oficina de *podcast* na escola: com elas e não sobre elas

O contexto de produção do *podcast* “Com todo o respeito” foi um projeto interdisciplinar, de mesmo nome, promovido pela coordenação pedagógica da escola, ao perceber o aumento das hostilidades e violências entre estudantes no retorno do afastamento social que ocorreu ao longo da pandemia de COVID-19. As turmas, sob a orientação de um ou dois professores, conduziram suas pesquisas livremente, contanto que tratassem de um aspecto do grande tema “respeito”. No final do processo, deveriam socializar o que realizaram em uma grande apresentação no pátio do colégio. A professora da disciplina “A linguagem para além das palavras: práticas para o existir” propôs a temática de gênero e reuniu o grupo interessado – dez alunas da 3ª série (EM) – para uma roda de conversa, de onde viriam novas ideias e desdobramentos.

A seguir, apresentamos e avaliamos o processo de produção do *podcast* – os objetivos de cada aula, as atividades propostas e as habilidades sugeridas na BNCC (2017) para o trabalho com textos multimodais. Acompanhamos cada fase por meio de capturas de telas do planejamento da oficina, formalizado em tabelas no material original da professora que orientou o grupo. Convencionamos que a primeira abordagem às alunas foi a primeira aula da oficina (figura 1).

Fig. 1 – Aula 1

AULA 1	OBJETIVOS	ATIVIDADES	HABILIDADES
RODA DE CONVERSA	No processo dialógico com a turma, identificar os incômodos relacionados às formas de discriminação que ocorrem na escola – em especial, aquelas que envolvem processos identitários – que não costumam ser abordadas nas aulas.	Formular um questionário online e compartilhá-lo com todas as turmas do ensino médio da escola, por meio de aplicativo de mensagens, via celular.	EM13LGG101: Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos.

Fonte: As autoras, 2024.

Na roda de conversa, o grupo, que já se destacava por questionar desigualdades de gênero, sinalizou a importância de iniciar o projeto perguntando aos/às demais estudantes sobre quais são os assuntos, de ordem social, que atravessam sua vivência na escola, mas que não são tratados efetivamente nas aulas por serem considerados temas-tabus.

Fig. 2 – Opções do questionário online

Pesquisa sobre desigualdades

Perguntas Respostas 107 Configurações

Marque qual ou quais assuntos você acha que a escola poderia abordar mais *

- ☐ Assédio (moral e sexual - seja em forma de gestos...
- ☐ Discriminação sexual e de gênero (misoginia, hom...
- ☐ Racismo (institucional, linguístico, religioso e recre...
- ☐ Ansiedade (como profissionais lidam com a ansie...
- ☐ Bullying (todas as suas formas)

Se há outros assuntos importantes, escreva aqui em poucas palavras.

Texto de resposta longa

Fonte: As autoras, 2024.

A figura 2 mostra uma captura de tela do formulário (aplicativo *Google Forms*) respondido pelos/as estudantes e a quantidade de respostas obtidas, ou seja, 107 estudantes participaram da consulta, o que consideramos um número suficiente para começar um diálogo sobre o respeito às diferenças. A ideia principal do questionário era chamar a atenção para questões sensíveis, logo as alunas sugeriram como opções para compor o questionário *online* o racismo, a misoginia, a lgbtfobia e o *bullying*. A ansiedade, transtorno de ordem psicológica, apareceu entre as opções porque o grupo a apontou como um problema importante ignorado por alguns professores e professoras. Outros temas surgiram como respostas espontâneas: justiça reprodutiva, educação sexual e xenofobia, por exemplo.

Na segunda aula da oficina (figura 3), o objetivo do grupo foi analisar as respostas para criar estratégias de abordagem ao tema mais acionado. Verificou-se que 61,7% dos participantes da pesquisa responderam que “assédio” é o tema-tabu que precisa ser mais trabalhado nas atividades escolares.

Fig. 3 – Aula 2

AULA 2	OBJETIVOS	ATIVIDADES	HABILIDADES
PLANEJAMENTO	<i>Analisar os dados obtidos com o questionário para a definição dos temas mais relevantes para a produção do primeiro episódio do podcast.</i>	<i>Criar estratégias para a abordagem do conteúdo do primeiro episódio do podcast, após debater a respeito de como esse tema nos atravessa no ambiente escolar.</i>	EM13LGG304: <i>Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, artística e cultural para enfrentar desafios contemporâneos, discutindo seus princípios e objetivos de maneira crítica, criativa, solidária e ética.</i>

Fonte: As autoras, 2024.

As aulas 1 e 2 (figuras 1 e 3) tiveram um caráter diagnóstico, pois serviram como uma forma de conhecer o campo de pesquisa, a fim de formular as estratégias que viriam na sequência. Importante destacar que nesses encontros definiu-se a pauta do *podcast*. Foram relacionadas para essas aulas as habilidades EM13LGG101 e EM13LGG304 da BNCC (2017) para a área de Linguagens e suas tecnologias, as

quais envolvem a análise e compreensão de discursos circulantes em diferentes linguagens e o mapeamento de práticas contemporâneas de linguagem que incidem sobre diversos aspectos da vida social, de forma “crítica, criativa, solidária e ética”.

Para Coscarelli e Corrêa (2021), tanto o Manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos (GNL, 2021) quanto a base indicam o reconhecimento, o respeito e a valorização do outro e da sua cultura como aprendizagem, isto é, a chamada diversidade cultural é vista como oportunidade de ampliação de repertórios pessoais e coletivos. Em seu ensaio sobre “as boas influências” do manifesto sobre a BNCC (2017), os autores comentam os quatro componentes dos multiletramentos que são postulados no currículo de língua e linguagens e que aparecem na nossa proposta: a prática situada, a instrução explícita, o enquadramento crítico e a prática transformadora. As primeiras aulas da oficina ilustram os dois primeiros componentes, conforme a explicação dos autores a seguir.

Um deles é a **prática situada** [*grifo nosso*], que sugere uma imersão em práticas significativas a partir da experiência dos alunos. Dessa forma, envolve tanto os discursos envolvidos na realidade deles assim como simulações de situação de trabalho e vivenciadas em espaços públicos. O outro é o **enquadramento crítico** [*grifo nosso*], de acordo com o qual os significados devem ser construídos na prática, considerando-se os contextos histórico, social, cultural, político, ideológico, assim como os sistemas particulares de conhecimento e as práticas sociais (Coscarelli; Corrêa, 2021, p. 26-27).

No grupo de alunas, havia a intenção de denunciar o problema do assédio na escola e também abrir um canal interativo para estudantes interessados/as em eliminar discriminações e garantir que direitos fossem respeitados. Por essa razão, partiu das alunas a ideia de produzir um *podcast* no final dessa pesquisa de campo, por ser uma das formas de se comunicar por meios digitais pelas quais adolescentes e jovens se informam atualmente. Então, a fim de instrumentalizar o grupo para essa tarefa, solicitamos o suporte das pesquisadoras do Laboratório de Estudos de Mídia e Esporte (LEME), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e estruturamos as aulas seguintes propriamente como oficina.

As aulas 3 e 4 (figuras 4 e 5) são formativas, pois foram ocupadas com a oficina de *podcast*. Na aula 5 (figura 6), a turma pôde fazer uma autoavaliação do projeto como um todo e levantar os ganhos obtidos com a ação coletiva, refletindo sobre a

participação de cada uma e sobre os possíveis alcances de uma atividade escolar que poderia provocar discussões importantes na comunidade e fora dela.

Fig. 4 – Aula 3

AULA 3	OBJETIVOS	ATIVIDADES	HABILIDADES
O GÊNERO PODCAST	<i>Conhecer esse modelo mídia digital: estrutura, condições de produção e suportes de circulação – por meio dos arquivos compartilhados pela pesquisadora do LEME (UERJ).</i>	<i>Ler/ouvir o Podcast Gorda e empoderada – TCC da estudante de jornalismo Letícia Rosa Matos Moura (FACHA); ler o roteiro do episódio “Passes e impasses #68: os rebeldes do futebol brasileiro”, publicado pelo LEME (UERJ).</i>	EM13LGG704: <i>Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.</i>

Fonte: As autoras, 2024.

Fig. 5 – Aula 4

AULA 4	OBJETIVOS	ATIVIDADES	HABILIDADES
PRODUÇÃO DE ROTEIRO	<i>Gravação e edição do Podcast.</i>	<i>Pesquisar áudios de reportagens (sonoras) e músicas para a montagem do episódio sobre assédio; produzir o roteiro do episódio.</i>	EM13LGG703: <i>Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.</i>

Fonte: As autoras, 2024.

Na autoavaliação (figura 6), foi possível notar que no gênero *podcast* o texto escrito não é uma exclusividade e não forma, necessariamente, a espinha organizadora do trabalho multimidiático (Lemke, 2010 *apud* Rojo, 2012), visto que a produção do roteiro foi uma etapa, entre outras, da oficina.

Fig. 6 – Aula 5

AULA 5	OBJETIVOS	ATIVIDADES	HABILIDADES
AUTOAVALIAÇÃO	<i>Publicar o Podcast “Com todo o respeito” em plataformas digitais de áudio e vídeo; Avaliar a aplicação prática dos conceitos abordados e a eficácia da comunicação.</i>	<i>Criar um perfil no Youtube e no Spotify e publicar o primeiro episódio; divulgar nos grupos de mensagens das turmas da escola; autoavaliar-se e avaliar colegas, promovendo autorreflexão e responsabilidade; avaliar a qualidade do projeto e a ética na produção.</i>	EM13LGG701: <i>Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e mobilizá-las de modo ético, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.</i>

Fonte: As autoras, 2024.

Boaventura e Fabrício (2017), ao dissertar sobre letramentos contemporâneos e mudança social, alertam para a dependência contextual das práticas linguísticas multissemióticas e multimodais, o que complexifica o processo de significação. Ao avaliarmos o projeto do ponto de vista da produção/recepção, seria interessante pensarmos não só sobre o dito, mas também sobre os aspectos sociais, culturais e políticos que emergem do *podcast*. Para esses autores: “Torna-se, portanto, imperioso pensar tais práticas não apenas em termos de leitura e escrita, mas em termos do repertório de recursos sociolinguísticos que as pessoas possuem e se utilizam nos espaços-tempo em que circulam” (Boaventura; Fabrício, 2017, p. 68).

Coscarelli e Corrêa (2021) destacam o convite do GNL a professores/as a repensar aulas centradas em conteúdo. No lugar desse modelo tradicional, seria interessante desenvolver as habilidades dos/as estudantes, estimular sua capacidade de formular soluções em contextos interdisciplinares. Embora a palavra autoavaliação não exista na BNCC (2017), compreendemos que esse exercício se mostra útil nessa etapa final da oficina, logo acionamos esse conceito, aproximando-o da habilidade EM13LGG701.

Conforme avaliação das pesquisadoras do LEME, a respeito do engajamento das publicações nas plataformas (90 reações), “os resultados são ótimos e o número de visualizações excelente”, pois o assunto, tratado socialmente como “de foro íntimo”, pode ser “de difícil escuta para a audiência”. Durante a divulgação do *podcast* entre pares, percebemos que muitos/as colegas professores não se envolveram

espontaneamente com o que produzimos, então resolvemos repetir a experiência do questionário com docentes e verificamos que a qualidade do envolvimento mudou quando foram incluídos/as na consulta.

Coscarelli e Corrêa (2021), em suas reflexões sobre multiletramentos e BNCC (2017), mencionam que essa prática demanda um acesso a tecnologias que podem não estar ao alcance de toda a comunidade escolar, pensando em um país tão diverso e desigual como o Brasil. Também seria necessário eleger o que é de fato relevante como aprendizado e investir em formação docente e estrutura física, além de acompanhar a super proliferação de novas tecnologias e ferramentas que não param de surgir. Todas essas dificuldades nos impuseram desafios para concluir o projeto. Os resultados que obtivemos são provenientes do apoio do LEME e da dedicação das alunas e da professora fora do tempo de aula, utilizando seus dispositivos eletrônicos pessoais.

Na próxima seção, definimos o gênero *podcast* e explicamos sobre o seu aparecimento como mídia de massa no nosso país, refletindo sobre alguns dados.

Sobre o gênero *podcast*

O termo *podcast* é a junção de duas palavras da língua inglesa: iPod (um tocador de músicas criado e comercializado pela Apple) e *broadcast* (transmissão de conteúdo). Segundo Foschini e Taddei (2006), a palavra surgiu pela primeira vez no jornal britânico *The Guardian*, em 2004, “[...] como um sinônimo para audioblog, ou seja, blogar com áudio em lugar de blogar com textos” (Foschini; Taddei, 2006, p. 12).

O *podcast* emerge como fenômeno da comunicação na década de 2000, quando Dave Winer, desenvolvedor de software, criou um sistema que permitia descarregar arquivos sonoros de forma automática para que o jornalista Christopher Lyndon pudesse disponibilizar uma série de entrevistas na internet. Esse formato de mídia apresenta, há duas décadas, crescimento acelerado de sua audiência. Estruturado quando a internet se popularizou e passou a ter uma característica mais social, o *podcast* levou alguns anos até se tornar um produto de consumo massivo. Foi em 2004, quando o ex-VJ da MTV, Adam Curry, disponibilizou arquivos de áudio por meio do iTunes (agregador de áudio da Apple vinculado ao iPod) e, assim,

popularizou o formato de mídia para que os ouvintes pudessem baixar áudios em mp3 (denominação criada pela *Moving Picture Experts Group*, que se refere à compressão de áudios para compactar o arquivo).

Com características de produto fonográfico, o *podcast* possui temáticas diversas e formatos com mais fluidez e liberdade criativa quando comparado a um programa de rádio convencional. A diversidade de conteúdo envolve toda a sua esfera de produção: os temas, a construção, os formatos, os roteiros vão depender da proposta para cada programa. A periodicidade do *podcast* não precisa ser fixa e é possível ouvir um programa a qualquer momento. A facilidade para pesquisar as diversas temáticas dos programas é um recurso que impulsiona o consumo dessa mídia. Com um processo de montagem flexível em termos de assunto, gravação e edição, o *podcast* permite uma produção de baixo custo e pode ser feito por qualquer pessoa interessada em criar conteúdo.

O Brasil tem se consolidado como um dos maiores mercados de consumo e produção de *podcast* no mundo, refletindo o quanto os brasileiros podem se adaptar aos diversos formatos de mídia digital. Em pesquisas realizadas pelos serviços de *streaming* Deezer e Spotify, aplicativos com os maiores índices de audiência de *podcasts* no mundo, ficou constatado que foi durante a pandemia da Covid-19 que o consumo dessas produções apresentou um crescimento significativo, apontando uma mudança no comportamento dos ouvintes, que buscavam a mídia como meio para educação e informação.

No nosso país não foi diferente, e, atualmente, mais de 20 milhões de pessoas consomem essa mídia (Amorim; Araújo, 2021). De acordo com a pesquisa *Podcasting worldwide – statistics and facts* da Statista Consumer Insights (2025), 51% dos brasileiros escutam *podcasts* ocasionalmente, a maior taxa entre os países analisados. O levantamento foi realizado entre julho de 2023 e junho de 2024 para avaliar os hábitos de escuta em diversos países, mostrando a popularidade do formato. O consumo no Brasil fica à frente do México (48%) e da Suécia (46%), países que também se mostram receptivos ao formato e em que os ouvintes consomem mais de 10 horas de conteúdos semanais.

Assim como todas as áreas são impactadas pelas transformações digitais, no contexto da educação, o *podcast* surge como mais uma ferramenta que pode atuar no processo de ensino-aprendizagem, permitindo experiências pedagógicas de

trabalho colaborativo e cooperativo. Em um espaço de partilha e produção de conteúdos, o *podcast* se torna, dessa forma, produto de agenciamento de referências e debates para indivíduos e grupos sociais a partir das tecnologias digitais.

A produção de mídias como prática discursiva no ambiente escolar

Ao pensarmos o ensino discursivamente, buscamos compreender os modos pelos quais discursos construídos por processos sócio-históricos de base patriarcal capitalista podem conter falhas, instaurando novas possibilidades de produção de sentidos. Analisando o funcionamento dos discursos sobre assédio na escola com as estudantes do ensino médio, buscamos estimular gestos de resistência a uma política de existência opressora através da elaboração de um questionário estruturado, da escrita de um roteiro de *podcast* e da seleção de camadas de conteúdo em áudio – reportagem jornalística, música instrumental e rap – na produção do primeiro episódio dessa mídia digital. Assim, os sujeitos assumem a autoria, concebem e executam o trabalho e, inscritos nos instrumentos tecnológicos, produzem sentidos.

Ao abordar a produção da materialidade audiovisual, Dela Silva (2016, p. 87) afirma que o sujeito “coloca-se no lugar de formulação de discursos”. Assim como a autora, considerando as especificidades da produção do *podcast*, também compreendemos esse sujeito como formulador de discursos, assumindo posição de roteiristas e narradores da/na mídia. A produção do episódio sobre assédio é uma prática discursiva na qual o sujeito produz efeitos pela língua em sua relação com a exterioridade.

A produção de mídias digitais na educação básica requer um gesto analítico que leve em conta desde a consulta aos/às demais estudantes, que foram perguntados/as via formulário *online*, à elaboração dessas perguntas e até mesmo à edição dos áudios gravados e selecionados. É necessário pensar a experiência dos sujeitos envolvidos no trabalho sob condições de produção específicas, a inscrição dos sujeitos no aparato tecnológico, considerando o *podcast* como a materialidade significativa resultante do trabalho.

A materialidade significativa, “compreendendo a materialidade como o modo significativo pelo qual o sentido se forma” (Lagazzi, 2011, 113), que recortamos para apresentar neste artigo envolve a produção do roteiro – um texto escrito oralizado

pelas locutoras na gravação da mídia. As sequências sobre as quais nos debruçaremos revelam os efeitos de silenciamento imposto às mulheres na nossa sociedade patriarcal e que produzem contraidentificação e resistência.

As locutoras propuseram uma dinâmica de narração tal qual uma conversa entre estudantes da mesma idade-série e começam por perguntar se os/as ouvintes sabem o que é assédio. Após definir essa prática e suas variações, elas perguntam: “Você já presenciou ou já ficou sabendo de algum caso desses na sua escola?”. Essa pergunta mobiliza o funcionamento de uma rede de memórias dessas alunas, que passam a se posicionar diante desse tipo de opressão com frases afirmativas, como vemos nas sequências discursivas 1 e 2.

SD1: Nada justifica o assédio. Ele não tinha o direito de fazer isso com ela.

SD2: Você foi taxada de maluca? Ou você foi taxada como errada?

As SDs 1 e 2 revelam uma negação diante das possíveis justificativas dadas ao assédio e um questionamento. Ao historicizar a discussão, podemos observar as filiações de uma rede de memória que reforçam determinados sentidos sobre as mulheres que denunciam assédio. Em primeiro lugar, suas falas são desqualificadas, silenciadas ou culpabilizadas, afinal, *o que fizeram para provocar a violência sofrida? Por que não denunciaram antes?* Além disso, mulheres que ousam questionar e/ou assumir sua defesa são, conforme vimos na SD2, rotuladas de *malucas* ou *erradas*. Apelar para o desequilíbrio quando uma mulher se impõe é uma prática que materializa um discurso identificado com uma formação discursiva machista já naturalizada. A tomada da fala das alunas produtoras mobiliza memórias que nos remetem ao chamado pacto patriarcal, uma espécie de acordo que paira na nossa sociedade para desqualificar a vítima, bem como a denúncia de assédio moral ou sexual.

SD3: “E vale ressaltar que assédio não é um elogio”

Na SD3, observamos um mecanismo bastante sutil do funcionamento do trabalho ideológico. Se um elogio é algo lisonjeiro, algo pelo qual deve-se agradecer, logo é interdito o direito ao repúdio. Assim, dissimulado, o assédio tem *permissão* para ser proferido. A fala das alunas retoma dizeres já-lá, algo dito antes, falas invasivas com teor jocoso que ultrapassam os limites, fazendo funcionar a memória

do corpo feminino público. Entretanto, elas ressaltam que “*não é um elogio*”; em um gesto de resistência, afirmam que compreendem as intenções do assediador e não permitirão a agressão.

Vale ressaltar que as experiências que embasam as perguntas e relatos ocorreram na escola. Questionar o modo como a escola é historicamente significada, como os discursos sobre as mulheres são (re)produzidos por sujeitos que se identificam ou não com o discurso dominante, nesse espaço, nos levaram a analisar o modo como essas alunas que denunciam assédio sexual e moral também foram atravessadas pelos discursos opressores dos assediadores ao longo da sua vida escolar – corroborando práticas de silenciamento e submissão.

Notamos que, na maioria das vezes, a prática assediadora ocorre quando algum funcionário ou professor se dirige às estudantes do gênero feminino, sugerindo uma assimetria nas relações de poder entre as vítimas e seus algozes. Esse recorte de gênero e classe reitera a importância da mobilização de um referencial epistemológico feminista interseccional para compreendermos os modos pelos quais o machismo junto à hierarquização das posições de poder molda relações na escola ao funcionarem sobrepostos para produzir sentidos, legitimar e naturalizar discursos que delimitam a existência das estudantes mulheres.

Desse modo, as falas das alunas nos áudios produzem efeitos de sentido que são atravessados pelos discursos identificados com uma formação discursiva patriarcal capitalista que fundamentam redes de memória que reproduzem e/ou tencionam sentidos sobre as mulheres. Conforme Pêcheux (2014), há falhas e brechas no ritual ideológico (Pêcheux, 2014) que possibilitam a movência dos sentidos nos espaços logicamente estabilizados (Pêcheux, [1983] 2015), chacoalhando as evidências.

Considerações finais

Identificar e problematizar indícios de desigualdades de gênero e sexualidade na escola que representassem um incômodo para os/as estudantes do ensino médio foi de extrema importância para conhecermos e enfrentarmos temas sensíveis que costumam ser negligenciados pela nossa sociedade, pelo corpo docente e pela gestão

de ensino. São dores que muitos estudantes sofrem em silêncio por temerem represálias com consequências na sua avaliação e formação escolar. São violências invisibilizadas devido à cultura do estupro, aos padrões patriarcais e às relações hierárquicas que estão presentes na nossa Educação. Notamos que levantar esse tema mobilizou uma parcela da comunidade escolar a discutir mais o assunto e produzir outros trabalhos escolares com conteúdos afins.

Pensar discursivamente as condições de produção, historicizar essas discussões na escola, com a contribuição de epistemologias que refletem sobre o modo como grupos subalternizados experimentam opressões permite analisar com (e não sobre) as estudantes como alguns discursos reforçam e legitimam práticas de dominação. É importante ressaltar que a escolha do título deste trabalho, “Com todo o respeito”, aponta para desestabilização dos sentidos sobre a própria noção desse termo – o que é válido como respeitoso para determinados grupos pode não ser considerado por outros –, encontrando furos no ritual ideológico para práticas de resistência.

A produção coletiva e o aprendizado mútuo sobre uma mídia relativamente nova nos colocaram em conexão com um mundo digital de amplas possibilidades, mobilizando diversos saberes e despertando habilidades para a escrita, para a comunicação e para a pesquisa científica que antes não conhecíamos. A turma participante demonstrou mais sensibilidade ao ouvir e compartilhar relatos pessoais e se permitir debater assuntos que, aparentemente, são de cunho pessoal, mas que, na verdade, são reveladores de problemas sociais que nos atravessam. Afinal, “o pessoal é político” (Hanisch, 1996).

As dificuldades que tivemos estão relacionadas à hipossuficiência tecnológica e estrutural da escola – falta de equipamentos, falta de internet, falta de um espaço adequado para gravação de áudios. Boa parte da produção foi realizada na residência de algumas alunas e alunos, com seus celulares e computadores. Como eram muitas tarefas por pouco tempo, algumas atividades foram distribuídas por duplas e trios.

Essa prática pedagógica promovida na escola pública cumpriu com o objetivo de valorizar a leitura, a escrita e a escuta de textos orais como ferramenta de emancipação, em uma perspectiva de educação libertadora que busca a transformação social. As aulas despertaram o pensamento crítico e a capacidade de interpretar a realidade em que vivemos, com a análise constante dos contextos

discursivos e multissemióticos observáveis dentro e fora da escola, a fim de encontrar solução para tantas questões ainda não sanadas.

A respeito da convergência entre interseccionalidade e educação, Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) rememoram as contribuições fundamentais do professor Paulo Freire para a promoção de uma pedagogia crítica e engajada com a justiça social, afirmando que

A educação formal constitui as hierarquias sociais existentes. Muitos pais, mães e docentes veem a escola como um lugar onde têm de lutar pelos direitos de crianças e jovens, não apenas para que tenham educação, mas para que tenham uma educação que promova o letramento crítico e as competências do pensamento crítico. [...] Uma perspectiva questionadora da educação compreende a organização das escolas como parte integrante de um sistema educacional mais amplo, conceituado como campo de poder (Collins; Bilge, 2021, p. 217).

Para além dos usos estratégicos das novas mídias nas nossas comunidades e das exigências da economia neoliberal quanto à imposição de competências e habilidades, na sociedade densamente semiotizada como a que vivemos, destacamos que esta proposta pedagógica de multiletramentos que problematizamos é um projeto emancipador (Moita Lopes, 2021). O que realizamos não se limitou à pretensão de levar uma grande novidade tecnológica para alunas de uma escola pública em São Gonçalo, com o único objetivo de deixar a aula mais atrativa e atualizada com o século XXI. Por meio do *podcast* “Com todo o respeito”, compreendemos um pouco mais sobre a dinâmica da vida escolar com elas, sob a sua perspectiva, com o intuito de ampliar suas vozes em uma instituição de estrutura historicamente hierarquizada como é a escola.

REFERÊNCIAS

AMORIM, A.; ARAÚJO, M. J. Como o isolamento social causado pela pandemia de Covid-19 impactou o consumo de podcasts no Brasil: uma análise de matérias jornalísticas nacionais. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 3, p.25802-25815. mar 2021. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/26323/20875>>. Acesso em: 13 jun. 2025.

BOAVENTURA, J. C. S.; FABRÍCIO, B. F. Letramentos contemporâneos: a errática expansão das formas de reprodução e transformação social na era da globalização recente. **Leia Escola**, Campina Grande, v. 17, n. 1, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2025.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Tradução: Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

COSCARELLI, C. V.; CORRÊA, H. T. As boas influências: Pedagogia dos Multiletramentos, Paulo Freire e BNCC. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 13, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5572>. Acesso em: 14 jun. 2025.

DELA-SILVA, Silmara. De produtos a processos: pensando a produção em vídeo discursivamente. In: MARIANI, B. (org.) **Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em análise do discurso e áreas afins: investigação, inovação, divulgação**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima: FAPERJ: CNPq, 2016, p. 77-91.

FOSCHINI, A. C.; TADDEI, R. R. **Podcast**. Coleção Conquiste a Rede. Domínio Público. S. ed. 2006. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000097.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.

GRUPO NOVA LONDRES (GNL). Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuros Sociais. Tradução: Deise Nancy de Moraes, Gabriela Claudino Grande, Rafaela Saleme Bolsarin Biazotti, Roziane Keila Grando. **Revista Linguagem em Foco**, v. 13, n. 2, 2021. p. 101-145. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5578>>. Acesso em: 8 jun. 2025.

HANISCH, C. **Using history to make history**: learning from our successes. In: Carol Hanisch, 1996 [arquivo online]. Disponível em <http://www.carolhanisch.org/Speeches/Gainesville1996/GainesvilleSpeech.html>. Acesso em: 6 jun. 2025.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. **Letramentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

LAGAZZI-, Suzy. A materialidade significativa em análise. In: TFOUNI, L. V; MONTESERRAT, D. M; CHIARETTI, P. (orgs.). **A análise do discurso e suas interfaces**. São Carlos: Pedro e João, 2011, pp. 311-324.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

MONTE MÓR, W. O debate “Alfabetização e Letramentos”. In: OLIVEIRA, M. L. C. **Letramentos no ensino de língua portuguesa**: experiência, agência e crítica. Campinas: Pontes Editores, 2019.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso**: princípios e acontecimentos. São Paulo: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: FRANÇOISE, G.; HOK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: editora da UNICAMP, [1969] 1997 pp. 61-162.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. **Gestos de leitura**: da história no discurso. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014, pp. 57-67.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, [1983] 2015.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

STATISTA CONSUMER INSIGHTS. **Podcasting worldwide - statistics and facts**. 2025. Disponível em: <https://www.statista.com/topics/7662/podcasting-worldwide/#topicOverview>. Acesso em 6 de junho de 2025.

Sobre as autoras

Renata Targino de Figueiredo

Doutoranda do Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada (PIPLA/UFRJ); mestre em Letras (PROFLETRAS/UERJ); especialista em Linguagens e suas tecnologias (UERJ) e membra dos grupos de pesquisa PROFJUS e NUDES. Professora da rede estadual do Rio de Janeiro.

Raquel Danielli Mota

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF); mestre em Letras (PROFLETRAS/UERJ) e membra dos grupos de pesquisa NELID e MiDi. Professora da rede estadual do Rio de Janeiro e do município de Maricá (RJ).

Camila Augusta Alves Pereira

Doutora e mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom - UERJ). Pesquisadora do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME - UERJ) e Professora da UNIFACHA.